

# As “Cartas de Problemática” de António Sérgio e os Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa

por  
Olga Pombo e Manuel Beirão dos Reis

“Admito a possibilidade de as minhas hipóteses serem erróneas e não as dou na atitude de quem faz propaganda, mas só para vos incitar a uma reflexão filosófica – reflexão problemática, humanista, crítica - a partir das ciências em que estais sendo instruídos”

António Sérgio (C10, pp. 431-432)

Sempre se soube que as *Cartas de Problemática* de António Sérgio estavam intimamente ligadas à Faculdade de Ciências de Lisboa. O seu subtítulo assim o indica. Elas são “*dirigidas a um grupo de jovens amigos, alunos e alunas da Faculdade de Ciências*”. E por diversas vezes ao longo das *Cartas*, AS refere os seus destinatários: “Estas minhas *Cartas* (são) dirigidas a estudantes daquelas mesmas ciências, e escritas e publicadas com o especial intuito de chamar à problemática do pensar filosófico os que se dedicam entre nós à física teórica, à investigação positiva”<sup>1</sup> (C5, p. 5, p. 366). Também por diversas vezes, AS explica as razões dessa eleição: “Se a vós me dirijo, não é realmente porque *saibais* a ciência; é, sim, na esperança de que tenhais uma mentalidade científica, e de que queirais reflectir sobre o saber teórico – fazer, pois, filosofia - com essa mentalidade de rigor científico” (C4, p. 6, p. 354).

Embora, em nenhum momento, os nomes desses estudantes sejam identificados, sabia-se que, na raiz das *Cartas*, teriam estado umas conversas que, a pedido de um grupo de estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, AS com eles teria mantido no início dos anos 50. Que conversas foram essas? Quem eram esses estudantes? Quais as razões que os levaram a dirigir-se a AS? Qual a reacção de AS a esse pedido? Como foi estabelecido o contacto com AS? Em que momento se deram essas conversas? Por quanto tempo se prolongaram? Onde se realizavam? Que temas eram abordados? Que relação tiveram essas conversas com as *Cartas de Problemática*?

O texto que se segue deve ser lido como um contributo para o esclarecimento destas questões<sup>2</sup>. Ele tem na sua base uma outra série de conversas estabelecidas, desta vez, entre nós e alguns dos antigos “alunos e alunas da Faculdade de Ciências” a quem foram dirigidas as *Cartas de Problemática*.

Sabíamos que o Prof. Andrade e Silva tinha pertencido a esse grupo. Começamos

<sup>1</sup> As *Cartas de Problemática* serão citadas a partir da presente edição com a indicação C1, C2, etc. seguida da página.

<sup>2</sup>No segundo texto, *Apresentação das ‘Cartas de Problemática’ de António Sérgio (adiante, p. ????)*, Manuel Beirão dos Reis procura identificar os temas nucleares, as teses principais, os tipos de argumentos, os objectivos explícitos ou implícitos e fazer o balanço das polémicas anteriores cujo eco é ainda audível nas *Cartas*. O último texto *título????* constitui uma reflexão específica de João Cordovil sobre as noções de Física e de Micro-Física a partir das *Cartas*.

por falar com ele. As portas foram-se abrindo. Pouco a pouco, foi possível recolher o testemunho de muitos desses antigos estudantes, certamente alguns dos mais interessados e assíduos. A todos os que aceitaram conversar connosco, em alguns casos mais do que uma vez, sempre com uma disponibilidade rara e um entusiasmo que nos comoveu, nomeadamente, aos Professores João Luís Andrade e Silva (16/04/2005), Fernando Bragança Gil (4/05/2005), Maria Helena Andrade e Silva (12/11/05) e António Lopes Vieira (30/11/2005), aos Drs. Carlos Veiga Pereira (14/10/05), Manuel Pina (4/11/05) e ao Sr. José Cyrillo Machado (30/11/2005), o nosso agradecimento. Sem a sua generosa colaboração, sem o delicado exercício de memória a que se aplicaram, primeiro de forma solitária, depois colectivamente, numa conversa conjunta realizada num sábado de manhã (12/11/05), nas instalações da antiga Faculdade de Ciências na Rua da Escola Politécnica, actual Museu de Ciência, não teria sido possível este esforço de reconstituição das condições, dos motivos, das circunstâncias mais ou menos fortuitas, das razões mais ou menos decisivas que podem explicar o laço com que António Sérgio quis ligar as *Cartas de Problemática* aos estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa. O conhecimento prévio de uma primeira versão deste texto permitiu ainda algumas precisões e sugestões que esperamos não ter interpretado abusivamente.

Queremos também agradecer ao Prof. Sousa Lopes, estudante de Ciências e activista da “Associação de Estudantes” alguns anos depois dos encontros em casa de AS que, embora não tivesse feito parte do grupo, nos permitiu reforçar a ideia da alta consideração que António Sérgio tinha pelas “Associações de Estudantes”<sup>3</sup>. À “Casa António Sérgio” (nas pessoas da Dr<sup>a</sup> Ana Freitas e do Sr. Ricardo Jorge) e à Direcção da actual “Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa” agradecemos as facilidades concedidas na recolha de documentação. Agradecemos igualmente à “Fundação General Humberto Delgado”, muito em especial à Dr<sup>a</sup> Iva Delgado, a pronta disponibilidade com que nos facultaram as fotografias que reproduzimos e ao “Gabinete de Estudos Olisiponenses” que nos cedeu os mapas cartográficos dos anos 50. Finalmente, à Professora Doutora Matilde Pessoa Figueiredo de Sousa Franco agradecemos a autorização para a publicação das *Cartas* bem como algumas sugestões bibliográficas.

**Na esperança de alguma abertura do Regime depois da Segunda Guerra,** assiste-se em Portugal, a partir de 1945, a um conjunto de importantes movimentos de resistência. No sentido de alterar significativamente as condições políticas do Regime, esses movimentos convergiram, numa primeira fase (1945-1950) em formas unitárias de intervenção concretizadas no Movimento de Unidade Democrática (MUD). Divergiram posteriormente (1951-1957) com a apresentação de candidaturas presidenciais independentes e, em 1958, voltaram a convergir na candidatura do General Humberto Delgado.

---

<sup>3</sup> Cf. também de António Sérgio, *Antologia Sociológica*, 7º Caderno, Lisboa: Edição do Autor, 1957.

**No entanto, o regime salazarista não dava sinais de qualquer tipo de abertura.** Bem pelo contrário. A inteligência portuguesa sufocava face à censura apertada, à vigilância constante, à perseguição desencadeada aos menos submissos. Qualquer observação ou tomada de posição crítica tinha como consequência imediata o afastamento, a prisão ou o exílio de quem a isso se atrevia, mesmo se se tratasse de intelectuais conhecidos, como foi o caso de António Sérgio e Jaime Cortesão, ou até de autoridades religiosas, como o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Na prática o regime, que não aceitava qualquer espécie de crítica aos poderes estabelecidos, tinha por objectivo impedir qualquer discussão pública das questões políticas, científicas e filosóficas. A brutal demissão de vários professores na década de 40 mostra bem o autoritarismo e o terrorismo teórico dos responsáveis políticos da altura<sup>4</sup>.

**Porém, apesar das dificuldades,** os círculos da oposição ao Estado Novo, nomeadamente intelectuais, professores e artistas ligados ao Partido Comunista, ao Movimento de Unidade Democrática Juvenil, socialistas ou apenas progressistas (como acontecia em certos círculos católicos), teimavam em manter abertas as oportunidades de discussão, mesmo que tal discussão fosse feita a coberto de temas científicos, culturais, académicos ou simplesmente “desportivos”. A esse esforço não é estranha a resistência oferecida pelos estudantes, organizados nesses centros de grande actividade cultural e política da época que eram as **Associações de Estudantes** de entre as quais a “Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa” era sem dúvida uma das mais dinâmicas e politizadas<sup>5</sup>. No mesmo sentido pode ser entendida a fundação, ou reformulação, de diversas **revistas científicas** emergentes no seio das várias comunidades de praticantes. São disso exemplo a *Gazeta de Matemática*, que surge em Janeiro de 1940, fundada por Aniceto Monteiro, Bento de Jesus Caraça<sup>6</sup>, Hugo Ribeiro, José da Silva Paulo e Manuel Zaluar e a *Gazeta de Física*, que inicia a sua publicação em Outubro de 1946 com um grupo constituído por Jaime Xavier de Brito, Rómulo de Carvalho<sup>7</sup>, Armando Gibert e Lídia Salgueiro. Particular relevância tem também a revista *Ciência* (que, com grandes alterações, dá continuidade à revista *Scientia*, fundada em Janeiro de 1934). Publicada pela “Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa”, a *Ciência* tem o seu primeiro número em Abril de 1948 sendo Director Luís Crespo de Carvalho<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> De facto, na década de quarenta foram afastados vários professores do ensino universitário, nomeadamente, Vitorino Magalhães Godinho em 1944 e, em 1947, Bento de Jesus Caraça, Mário de Azevedo Gomes, Francisco Pulido Valente, Rui Luís Gomes, Mário Silva, Manuel Valadares, Aurélio Marques da Silva, Armando Gibert e António José Saraiva.

<sup>5</sup> Os dirigentes associativos da “Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências” que mais se destacaram entre 1946 e 1956 são Luís Crespo de Carvalho, primeiro presidente “eleito” em 1946 (uma vez que, antes, o cargo era de nomeação pelos poderes universitários), Mário das Chagas de Almeida Trigueiros, José de Sousa Rocha da Silva, Carlos Veiga Pereira, Rui Manuel Nogueira Simões e Sousa Lopes (Ver “Livro das Actas da Direcção”, “Livro da Assembleia Geral” e o “Livro de Posses e Nomeações” da “Associação” disponíveis nos Arquivos da actual “Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa”).

<sup>6</sup> Sobre a polémica entre AS e Bento de Jesus Caraça, ver *adiante*, Manuel Beirão, *Apresentação das ‘Cartas de Problemática’ de António Sérgio*, pp. ???).

<sup>7</sup> Nessa altura professor do Liceu Camões e o autor que mais escreveu sobre História da Ciência nas publicações referidas.

<sup>8</sup> Uma breve passagem por estas publicações mostra que a relação entre a Filosofia e as Ciências é tratada diversas vezes, tanto por cientistas como por filósofos. Na *Gazeta de Matemática* destacam-se, desde o primeiro número, os artigos de Bento de Jesus Caraça, Hugo Ribeiro, Armando Gibert, José Sebastião e Silva. Por seu lado, a *Gazeta de Física* de Abril de

**É neste contexto que se pode compreender o facto, tão inédito como significativo, que está na raiz das *Cartas de Problemática*.** Referimo-nos ao convite formulado a AS por um grupo de estudantes da Faculdade de Ciências. O convite tinha um objectivo próximo muito preciso – solicitar a AS uma conferência sobre Platão. O objectivo remoto é bem mais difícil de determinar.

**O grupo** de “alunos e alunas” incluía alguns futuros Professores, quer da Faculdade de Ciências de Lisboa, como João Luís Andrade e Silva, Fernando Bragança Gil e Maria Helena Andrade e Silva, quer do Instituto Superior Técnico, como António Lopes Vieira, e ainda Manuel Pina, Simões Lopes, Carlos Veiga Pereira, José Cyrillo Machado, Maria João Andrade e Silva, Raul David Gomes, Zita Leal de Carvalho e, com menos frequência, Bruno da Ponte, Lima de Faria, Mário Frazão, Rui de Carvalho e Augusto Garcia Fernandes.

Para alguns dos antigos “alunos” com quem conversámos<sup>9</sup>, mais do que uma iniciativa espontânea de alguns activistas estudantis, o convite teria sido formulado no

---

1948 inclui um artigo do Professor da Faculdade de Ciências Júlio Palacios (contratado pelo regime para suprir a falta dos professores demitidos em 1947) sobre “Física e Filosofia”; no número de Outubro de 1950 aparece um artigo de Rómulo de Carvalho, à data professor de Físico-Química no Liceu Pedro Nunes, sobre a “Presença de Descartes”; no nº 8, de Abril de 1952, Armando Gibert considera “deficiência grave” não aparecer a História da Ciência na recensão da obra de J. Xavier de Brito, “Lições de Física Experimental”. A revista *Ciência* nº 2 (Outubro-Dezembro de 1949) sob a direcção de João Luís de Andrade e Silva inclui artigos relativos a domínios tão diversos como Matemática, Física, Química, Pedagogia, Cultura ou Vida Académica. Nesse número e no nº 3 (Janeiro-Março de 1950), Torre de Assunção, Professor da Faculdade de Ciências, escreve um artigo intitulado “A Propósito da Ciência” que reproduz uma conferência realizada a convite da “Associação de Estudantes” daquela Faculdade. Ainda no nº 3, é publicado um artigo de João Luís de Andrade e Silva sobre “Os Princípios da Termodinâmica”. O nº 5 (Outubro-Dezembro de 1950) inclui um artigo de Vieira de Almeida, professor da Faculdade de Letras de Lisboa, com o título “Matemáticos e Filósofos” bem como um de Ortega y Gasset sobre “Cultura e Ciência”; o nº 6 (Abril de 1952) apresenta um estudo de Edmundo Curvelo, igualmente professor da Faculdade de Letras de Lisboa, sobre “Conhecimento Científico”, um de Delfim Santos sobre “Filosofia e Ciência” e outro de Júlio Palacios sobre “Metodologia Científica – Aristóteles ou Bacon?”. A única referência a António Sérgio é na revista *Ciência* nº 7-8 de Janeiro de 1953: no artigo sobre “A Razão de ser das Associações Académicas”, Mário Trigueiros (estudante da Licenciatura em Ciências Físico-Químicas) coloca em epígrafe uma passagem do autor das *Cartas de Problemática* na qual AS defende que é “exercendo funções sociais que os futuros membros da sociedade se devem educar convenientemente”(p. 67).

<sup>9</sup> É o caso, entre outros, do Prof. João Luís Andrade e Silva (entre Abril de 1949 e Julho de 1950, director da revista *Ciência* editada pela “Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências”), do Dr. Veiga Pereira (grande activista na “Associação”, candidato à presidência da Direcção em 1951 e director da sua Secção Cultural em 1952-53) e de José Cyrillo Machado (colaborador de Eduardo Simões Lopes na Secção Cultural da “Associação” entre 30/11/1950 e 18/4/1951 e que participou, com António Neto, Eduardo Simões Lopes, Luís Cabral e Raul David Gomes, na elaboração do Programa de Candidatura de Carlos de Veiga Pereira à Presidência da “Associação” em 1951 (ver *adiante*, Anexo nº ???, pp. ???)). Em favor desta tese, há a assinalar o facto de existir no espólio de AS um exemplar do “programa” eleitoral de Carlos de Veiga Pereira, autografado por Simões Lopes.

âmbito das actividades desenvolvidas pela “Associação de Estudantes”<sup>10</sup>. O que não é de estranhar tendo em conta a tradição aí existente de convidar intelectuais e artistas, como Vieira de Almeida, Nuno Barreiros ou Luís Freitas Branco e de organizar ciclos de conferencias<sup>11</sup> com vista a “lutar pela dignificação e sublimação do ensino, pela melhoria do nível científico dos cursos”<sup>12</sup>.

Porém, outros “alunos” consideraram que o convite a AS teria uma origem mais remota. Teria surgido na continuidade dos encontros que o contingente de ex-finalistas do Liceu Pedro Nunes<sup>13</sup> (Manuel Pina, Cyrillo Machado, Andrade e Silva, Simões Lopes, António Lopes Vieira, Garcia Fernandes e Rui de Carvalho) organizava para ler e discutir filosofia, ciência, cinema e política. Nesses encontros, que se realizavam quase sempre em casa de Simões Lopes, haviam lido em conjunto diversos diálogos de Platão. E, embora depois de Platão, tenham “passado aos pré-socráticos”, a verdade é que Platão, muito em especial o Platão de o *Fédon*, lhes aparecia como um monumento de indiscutível valor que importava saber honrar. “Se Platão tinha resistido 2500 anos, é porque era seguramente um grande filósofo”. AS seria contactado com esse objectivo preciso<sup>14</sup>.

Na ausência de Magalhães Vilhena e de Vitorino Magalhães Godinho (ambos em Paris) ou de Agostinho da Silva (então no Brasil), e porque os estudantes não respeitavam suficientemente a filosofia praticada na Faculdade de Letras nem tinham especial apreço pelos defensores da chamada “filosofia portuguesa” (por exemplo, não viam com bons olhos Leonardo Coimbra “que tinha escrito uma coisas estranhas sobre relatividade”), António Sérgio aparecia como **a figura indiscutível do filósofo**<sup>15</sup>.

<sup>10</sup> Dado que não existe livro de Actas da Direcção da “Associação” antes de 1952 não foi possível confirmar esta informação nem averiguar, caso ela se confirmasse, se o contacto com AS teria resultado de uma proposta aprovada pela Direcção da “Associação”.

<sup>11</sup> Na verdade, no relatório relativo às actividades culturais desenvolvidas pela “Associação” no ano 1948-49 publicado na revista *Ciência*, nº 2 de 1949, Oliveira Marques (estudante dos Preparatórios de Engenharia) refere-se a um ciclo de conferências sobre o tema “Cultura Geral” nas quais falaram os Professores Reinaldo dos Santos, Torre de Assunção, Vieira de Almeida, Luís de Freitas Branco e Hernâni Cidade” (pp. 42-44).

<sup>12</sup> “Programa à Candidatura à Presidência da AEFCL de Carlos Veiga Pereira” de Novembro de 1951, p. 4. (cf. *adiante*, Anexo nº ?????? p. ?????). Embora as conversas tenham começado no ano lectivo de 1950/51 é muito provável que a candidatura de Veiga Pereira à Direcção da “Associação” em Novembro de 1951 tenha estimulado ainda mais os encontros com Sérgio.

<sup>13</sup> Liceu no qual tinham tido dois excelentes professores: Reis Machado, professor de Filosofia e História, e Pedro Calado, professor de Matemática.

<sup>14</sup> Igual convite terá sido dirigido a José Marinho que terá igualmente recebido em sua casa, alguns estudantes da Faculdade de Ciências em duas ou três ocasiões. Apesar de, segundo alguns testemunhos por nós recebidos, ter causado uma impressão “humanamente mais forte do que António Sérgio”, tais conversas não se terão realizado senão em duas ou três ocasiões. Sobre a “controvérsia” que AS manteve com José Marinho nos anos 1934-35, ver António Brás Teixeira, “Controvérsia entre António Sérgio e José Marinho”, *Análise*, vol. 2, nº1 (1985), pp. 279-345. Alguns dos antigos alunos com quem falámos referem-se também a contactos com Flausino Torres (1906-1974) professor de História no ensino particular e “activamente envolvido na oposição ao regime” (cf. J. Moreira Araújo (edr.), “Biblioteca Cosmos – Um Projecto Cultural do Prof. Bento de Jesus Caraça”, Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 37).

<sup>15</sup> Não era a primeira vez que AS era contactado por estudantes. Numa carta existente na “Casa António Sérgio” (envelope 168) enviada por Rui Duarte, remetida de Barcelos e com data de 18 de Novembro de 1953, diz o autor o seguinte: “Em princípios de 1927 ou 28, um pequeno grupo

Alguém que - acreditavam - poderia responder às suas ansiedades especulativas, à sua grande curiosidade e insatisfação resultante do estudo superficial de filosofia no liceu (estudada apenas durante um ano), à sua necessidade de encontrar instrumentos conceptuais adequados à compreensão das grandes transformações da ciência do seu tempo.

Os estudantes em causa constituíam **um grupo muito politizado** que ansiava para uma intervenção política esclarecida e consistente. Liam os grandes autores marxistas, mas não eram comunistas. Liam Marx, Engels e Luckàks, mas também Gramsci e sobretudo Henri Lefebvre, autor de uma empolgante *Crítica da Vida Quotidiana* e do célebre ensaio *O Marxismo* (o “300”, como era conhecido por ter esse número na colecção “Que Sais Je?”). Eram materialistas mas não eram Estalinistas. Eram de esquerda mas não eram filiados em nenhuma formação partidária oposicionista. Acima de tudo, queriam enriquecer-se de modo a fundamentar a sua prática política.

Ora, para além das suas competências filosóficas, AS era uma personalidade publicamente conhecida pela sua **postura política** de frontal oposição ao regime (que se traduziu, por exemplo, na sua participação activa nas campanhas eleitorais da oposição a partir de 1945), mas também pela sua independência face às ideologias partidárias, em particular ao partido comunista (que orientava as actividades do MUD e as forças oposicionistas em geral).

**Compreende-se pois o fascínio** que AS podia exercer junto desses “alunos e alunas da Faculdade de Ciências de Lisboa”. Pela sua defesa convicta de uma cultura baseada na autonomia do pensamento e na liberdade de expressão, AS aparecia-lhes como a promessa de um pensamento insubmisso e livre, alguém que, acima de tudo, poderia responder à sua vontade genuína de procurar alternativas teóricas, quer ao salazarismo serôdio, quer à vulgata marxista dominante nos círculos da oposição. Apreciavam o tom polémico do seu modo de falar e de escrever. Deleitavam-se com o seu sarcasmo e a sua ferocidade crítica. Tinham lido os *Ensaíos* com entusiasmo. A conferência *Cartesianismo Ideal e Cartesianismo Real*<sup>16</sup> e, sobretudo, o longo prefácio que António Sérgio escrevera para a sua tradução dos *Três Diálogos entre Hilas e Filonaus em oposição aos Cépticos e Ateus* de Berkeley tinham-lhes causado grande perplexidade.<sup>17</sup> Digamos que, em termos intelectuais, a sua inquietação era a resultante de uma luta em três frentes: respeitavam Marx, estavam horrorizados com Berkeley e não podiam deixar de amar Platão. Por outras palavras, tudo nesses estudantes apontava para AS.

---

de estudantes da Universidade de Coimbra, desanimados com a vacuidade do ensino que ali lhes davam, dirigiu-se a V. Ex.cia pedindo uma orientação pedagógica para as suas leituras extra-escolares. Eu era um desses rapazes. V. Ex.cia [...] levou a sua gentileza e o interesse que tomou pelo nosso caso ao ponto de nos dar, não só as indicações solicitadas, mas ainda facilidades na aquisição de livros na Livraria Truchy-Leroy”.

<sup>16</sup> Publicada em 1937 (incluída na edição de António Pedro Mesquita, *António Sérgio. Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e Outros textos Filosóficos*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001, pp. 181-207).

<sup>17</sup> Cujas 1ª edição é publicada em Coimbra, pela editora Arménio Amado, Coimbra, em 1948. (incluída na edição citada de António Pedro Mesquita, 2001, pp. 229-256).

**Do lado de AS**, este convite não podia senão aparecer como a oportunidade de dar conteúdo programático, quer à vontade de diálogo decorrente da sua postura pedagógica e de intervenção cívica, quer à tese por si defendida segundo a qual “a Faculdade de Ciências é aquela onde a filosofia se deveria ensinar, professada por professores de mentalidade científica - politacética, indogmática, insectarista, crítica” (C1, p.3, p.315). Princípio que tem um duplo sentido, polémico (ele implica, como sua consequência, afastar os “letrados” da discussão das questões epistemológicas e até filosóficas), e doutrinal (se a unidade e interpretação das ciências só se pode fazer pela filosofia, esta pressupõe o conhecimento das ciências, em particular da matemática e da física e o convívio com o rigor do seu método). A convicção de AS relativamente a esta tese está bem expressa no apelo que faz, no final da *Carta* nº 2, aos “estudantes de ciências para sanarem a atmosfera intelectual das letras” (C2, p. 8).

Devia ser muito agradável para AS sentir que tinha influência e prestígio junto de estudantes de ciências. Eles tinham duas vantagens. “Tinham menos de 30 anos e eram estudantes de Ciências e não de Letras”. Não é pois de estranhar que AS tenha manifestado grande disponibilidade e rápida anuência ao pedido por eles formulado.

**O contacto telefónico** foi primeiramente estabelecido por José Cyrillo Machado. Do próprio telefone da “Associação de Estudantes”, Cyrillo Machado teria explicado que havia um grupo de estudantes que queria perceber Platão. **AS recebe a ideia com agrado**. Mas chama a atenção para a dificuldade de explicar Platão numa palestra. Quer isto dizer que é AS quem sugere, não uma palestra, mas uma série de conversas. É ele quem faz a sugestão de receber os estudantes com alguma regularidade, em sua casa, na Lapa, no nº 4 da Travessa do Moinho de Vento.<sup>18</sup>

**As conversas** iniciaram-se muito provavelmente em finais de 1950 ou princípios de 1951<sup>19</sup> tendo-se durado, mais ou menos, um ano lectivo, ou seja, até final de 1951-1952. Tinham lugar aos sábados de manhã.<sup>20</sup> Decorriam, ou numa **sala grande do rés**

---

<sup>18</sup> A casa de AS, um projecto do arquitecto Raul Lino (cf. de Raul Lino, *Casas Portuguesas*, Lisboa: Ed. Valentim de Carvalho, 1933, Estampa III), é actualmente a “Casa António Sérgio” e sede do “Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo” (INSCOOP) criado pelo Decreto-Lei nº 902/76 de 31 de Dezembro com a intervenção directa de Henrique de Barros. Sobre a casa de AS, cf. Matilde Pessoa Figueiredo de Sousa Franco, na entrada “A Casa de António Sérgio”, in *Dicionário da História da Cidade de Lisboa* dirigido por Francisco Santana e Eduardo Sucena, Lisboa: Ed. Carlos Quintas e Associados, 1994, pp. 221-224, e João Isidro, “A Casa que António Sérgio Encomendou a Raul Lino”, *Boletim Informativo INSCOOP*, Lisboa, Ano 14, nº 4/5 (1995, Agosto/Out.), p. 6. Sobre a localização da casa de António Sérgio ver Mapa Cartográfico dos “PercursoS Sergianos”.

<sup>19</sup> Não foi possível determinar a data precisa do início das conversas com os estudantes. A partir dos testemunhos recolhidos é possível que tenham tido início ainda no ano lectivo de 1950/51 ou, mais provavelmente, no início de 1951/52, altura da candidatura de Carlos da Veiga Pereira à presidência da “Associação de Estudantes”. Segundo Cyrillo Machado, “as conversas começaram entre 1 de Dezembro de 1950 e 18 de Abril de 1951 – datas que delimitam o período de Simões Lopes na direcção do Sector Cultural da “Associação de Estudantes” (de quem Cyrillo Machado era colaborador directo) sendo Presidente da Direcção Mário Trigueiros - e terminaram antes de 19 de Junho de 1952” (data da prisão de Cyrillo Machado).

<sup>20</sup> Na verdade, AS costumava receber pessoas aos sábados, para conversar. A confirmação de tal facto é feita por uma carta de Manuel Cerqueira (que não fazia parte do grupo de estudantes da Faculdade de Ciências) de 30 de Abril de 1952, remetida do Porto, na qual o autor se refere aos “agradáveis momentos de convívio que me concedeu aí, em sua casa, no sábado passado”

**do chão**, muito bem encerada, com uma mesa central e decorada com peças orientais, oferecidas ao pai de AS quando este exercera funções diplomáticas em Macau, ou, se o grupo era mais pequeno, na biblioteca de AS, uma bonita sala do primeiro andar que dava para uma varanda envidraçada da qual se tinha uma bela vista para o jardim. Os estudantes, em número variável, iam chegando por volta das dez horas. A conversa ia-se generalizando. AS recebia-os com cordialidade. Era simpático, delicado, formal. Embora não soubesse os nomes dos estudantes, a todos tratava com deferência. Por vezes, a meio da sessão, servia bebidas não-alcoólicas.

**Não havia tema marcado.** AS não fazia nenhuma exposição inicial. Os estudantes faziam perguntas, pediam esclarecimentos, apresentavam questões. AS respondia. Os estudantes discutiam, faziam objecções, por vezes impertinentes. AS “encaixava” algumas, refutava outras. “Por vezes irritava-se”. “Quando era contraditado e não conseguia convencer”. Mas, em geral, as conversas eram muito animadas, muito vivas, muito intensas. Essa foi a impressão unanimemente recolhida.

**Os temas mais versados** eram a teoria do conhecimento e a epistemologia. Como se adquire o conhecimento? Como se valida o conhecimento? O que é a observação em ciência? Como se explica o progresso do conhecimento? O que é a verdade? É certo que **a formação científica de AS** não era muito profunda. Além dos conhecimentos básicos adquiridos nas cadeiras de Física e Matemática da Escola Naval e dos Preparatórios na Escola Politécnica, AS conhecia as obras de divulgação da ciência. Para lá da sua grande curiosidade pela ciência e pelos seus progressos recentes<sup>21</sup>, AS havia conhecido razoavelmente Langevin nos anos em que esteve em França e tinha lido tudo, ou quase tudo, o que Eddigton, De Broglie ou Einstein haviam escrito.<sup>22</sup> De qualquer modo, face à quase completa ausência de reflexão epistemológica em Portugal<sup>23</sup>, compreende-se que AS, mesmo se não tinha uma sólida formação científica, possa ter desempenhado um importante papel junto das novas gerações na medida em que oferecia uma rara abertura ao questionamento filosófico da ciência.

Para além dos temas gnosiológicos e epistemológicos, e em resposta a questões colocadas pelos estudantes, as conversas orientavam-se por vezes para problemas relativos ao estudo dos clássicos ou suscitados pela leitura crítica de textos do próprio AS. Com alguma frequência, ocupavam-se do materialismo e do idealismo, por vezes, de temas de política. Depois, pouco a pouco, à medida em que as conversas começaram a chegar ao fim, foram-se encaminhando para temas cada vez mais aleatórios.

---

(espólio de AS na “Casa AS”, Envelope 141). Esta mesma indicação é dada por Rui Ramos na entrada “Sousa, António Sérgio de”, in *Dicionário de História de Portugal*, Vol. 9, Coordenação de António Barreto e Maria Filomena Mónica, Figueirinhas, Porto, 2000, pp. 469-473. Por seu lado, Matilde Pessoa Figueiredo Sousa Franco refere-se ao convívio dos “sábados à tarde” na casa de AS (cf. “A Casa de António Sérgio”, *op. cit.*, p. 223).

<sup>21</sup> Cf. *adiante*, o estudo de João Luís Cordovil “*título*”, pp.

<sup>22</sup> Remetemos para a bibliografia dos livros de Ciência constantes da biblioteca de AS que João Paulo Príncipe apresenta em *Razão e Ciência em António Sérgio*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2004.

<sup>23</sup> Na verdade, não apenas a investigação científica em Portugal era muito reduzida (Manuel Valadares, Marques da Silva e Armando Gibert foram obrigados a sair do ensino universitário) como a Mecânica Quântica, nessa altura já com 25 anos, mal era estudada na Faculdade de ciências. Só o Professor António da Silveira dava um trimestre de Mecânica Quântica. Quanto à História e Filosofia da Ciência, o interesse era, no aspecto curricular, também muito limitado (apenas o Professor Torre d’Assumpção e Armando Gibert davam alguma atenção a essa área).



\*\*\*

Quando as *Cartas de Problemática* começam a ser publicadas, já o programa das conversas estava de alguma maneira esgotado. Como nos foi unanimemente confirmado, as *Cartas de Problemática* não podem ser vistas como a passagem a escrito de conversas havidas entre AS e os estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa. As *Cartas* nada tiveram a ver com as conversas, não as traduziram, não prolongaram os temas nelas tratados<sup>24</sup>. O que torna menos difícil entender a razão pela qual não há nas *Cartas* nenhuma referência a questões ou eventuais objecções colocadas pelos estudantes.

Editadas pela Editorial Inquérito, em formato de pequenas brochuras (que aqui se reproduz em *fac-simile*), vendidas nas mais importantes Tabacarias e Livrarias de Lisboa (e de vários outros pontos do país) e oferecidas pelo próprio AS a pessoas mais próximas<sup>25</sup>, a publicação das *Cartas* iniciada a partir de Julho de 1952<sup>26</sup> constituiu uma completa surpresa para os estudantes. AS não os havia prevenido. De nenhum modo lhes havia anunciado a sua publicação. Os estudantes não reconheciam os temas tratados. Não encontravam qualquer eco das conversas havidas. Liam-nas com avidez. Mas sempre reconheciam que as polémicas em que AS nelas se envolvia jamais haviam sido transportadas para as conversas. Em cada caso, compreendiam que havia em AS uma espécie de “aristocracia de espírito” que o levava a travar polémica no lugar próprio – o espaço público – e com as armas próprias – a escrita – e que o impedia de transformar a oposição de ideias em oposição a pessoas, quando elas não se podiam defender.

---

<sup>24</sup> Cyrillo Machado diz explicitamente: “As *Cartas de Problemática* nunca foram temas das nossas conversas. Elas devem ter aparecido ao Sérgio na sequência das conversas mas não foram tema delas”.

<sup>25</sup> Na verdade, no espólio de AS encontram-se cartas de amigos e conhecidos que lhe agradecem o envio de algumas das *Cartas de Problemática*. Destacam-se Jaime Brasil (do Porto), Egas Moniz, Eugénio de Andrade, Henrique de Barros, Maria Lamas, Sebastião da Rocha Lima (no Brasil) e António José Saraiva. Porém, só Jaime Brasil e António José Saraiva comentam o conteúdo das *Cartas*. Assim, em carta de 6/01/1954, diz Jaime Brasil: “A Editorial Inquérito, que nos inunda com as suas edições, como foi o caso das *Cartas de Problemática*, de que foram recebidos quatro exemplares de cada número, além do que faz agora o favor de me enviar, esqueceu-se de mandar as outras *Cartas* [refere-se às *Cartas do Terceiro Homem*]. Ora, sem minimizar a importância dos assuntos tratados nas *Cartas de Problemática*, entendo que o das outras *Cartas* bem merece ser largamente espalhado”(espólio de AS na “Casa AS”, Envelope nº 100). António José Saraiva, em carta de 13 de Abril de 1955, depois de agradecer a AS o envio das *Cartas de Problemática* nºs 11 e 12, afirma: “Independentemente de outros problemas ali levantados não quero deixar de lhe manifestar a minha mágoa pela forma como trata o Óscar Lopes.” (espólio de AS na “Casa António Sérgio”, Envelope nº 53).

<sup>26</sup> A publicação das *Cartas* teve uma periodicidade desigual: cinco *Cartas* em 1952, a partir de Julho, o que representa uma *Carta* por mês (*Carta* nº 1 – Julho de 1952; *Carta* nº 2 - 1 de Agosto de 1952; *Carta* nº 3 - 1 de Outubro de 1952; *Carta* nº 4 - 10 de Novembro de 1952; *Carta* nº 5 - 26 de Dezembro de 1952); quatro *Cartas* em 1953 até Julho, o que representa uma em cada dois meses (*Carta* nº 6 - Janeiro de 1953; *Carta* nº 7 - 1 de Março de 1953 mas com data do editor de “Fevereiro de 1953”; *Carta* nº 8 – 12 de Março de 1953; *Carta* nº 9 - Maio de 1953 mas com data do editor de “Julho de 1953”). Seguiram-se uma *Carta* em 1954 (a *Carta* nº 10 – 24 de Fevereiro de 1954 com indicação do editor de “Março de 1954”) e duas *Cartas* (nº 11 e nº 12) com a mesma data do editor, “Janeiro de 1955”.

Para além da surpresa, o júbilo. A satisfação de ver que, de alguma forma, o grupo de estudantes de que faziam parte tinha estado na origem das *Cartas*. O gosto por imaginar que a sua iniciativa teria sido útil a AS. Que, para AS, as *Cartas de Problemática* terão constituído uma reflexão complementar às conversas com os estudantes. Na verdade, que outra explicação poderia ser encontrada para o facto de, porque elas lhe apareciam como tendo sido suscitadas por essas conversas, AS as ter querido, em subtítulo, dirigir “a um grupo de jovens amigos, alunos e alunas da Faculdade de Ciências”?

\*\*\*

**A 50 anos de distância das conversas entre AS e os estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa**, todos aqueles com quem falámos nos garantiram ter sido essa uma experiência extremamente enriquecedora. As conversas com AS e as *Cartas de Problemática* que lhes foram dirigidas, exerceram uma influência significativa nos jovens estudantes. Não tanto na determinação das suas vocações académicas ou profissionais, mas no que respeita à sua atitude perante a ciência, a filosofia, a cultura e a acção política<sup>27</sup>. AS não os desiluiu. Pela sua capacidade filosófica, pela sua inteligência para problematizar a ciência em que estavam a dar os primeiros passos, pela independência das suas posições políticas, pela coerência da sua acção cívica, pela vastidão da sua cultura, pela sua irreverente verve polémica, pela sua esplendorosa liberdade de pensamento, AS fez prova de filósofo. Sabiam que, se tivesse nascido em França ou em Inglaterra, AS teria tido uma projecção que lhe era negada pelo facto de ser português.

“Esperavam ir encontrar um grande senhor”. E encontraram! Não ficaram a pensar como ele. Mas ficaram com ele enquanto marca, símbolo e referência fundamental na sua formação de homens cultos e livres.

---

<sup>27</sup> No entanto, no período relativo às *Cartas* (entre 1950 e 1955), apenas encontramos uma referência às concepções filosóficas de AS. Referimo-nos ao artigo de José Pecegueiro, “Reflexões Epistemológicas”, publicado no número de Setembro de 1955 da *Revista Filosófica*, fundada e dirigida por Joaquim de Carvalho. Mais tarde, e entre os jovens “sergianos”, AS será citado por João Luís Andrade e Silva no Prefácio à obra de Armando Gibert, *Origens Históricas da Física Moderna*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.